

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO  
AO EQUADOR, BOLÍVIA E PARAGUAI  
(5-13 DE JULHO DE 2015)

**ENCONTRO COM AS AUTORIDADES CIVIS**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Catedral de La Paz, Bolívia  
Quarta-feira, 8 de Julho de 2015*

*Irmão Presidente,  
Irmãos e irmãs,*

Estou contente por este encontro convosco, autoridades políticas e civis da Bolívia, membros do Corpo Diplomático e pessoas relevantes do mundo da cultura e do voluntariado. Agradeço ao meu irmão Edmundo Abastoflor, Arcebispo desta Igreja de La Paz, a sua amável recepção. Peço vénia para poder cooperar, com algumas palavras de incentivo, na tarefa de cada um de vós, a que já realizais. E agradeço-vos pela cooperação que vós, com o vosso testemunho de recepção calorosa, me dais para que eu possa seguir adiante. Muito obrigado.

Todos nós aqui presentes, cada um à sua maneira, compartilhamos a vocação de trabalhar pelo bem comum. Há 50 anos, o Concílio Vaticano II definiu o bem comum como «*o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição*» (*Gaudium et spes*, 26). Obrigado a vós por desejardes, cada qual a partir do próprio papel e missão, que as pessoas e a sociedade se desenvolvam, alcancem a sua perfeição. Tenho a certeza de que, no vosso afã pelo bem comum, buscais o belo, o verdadeiro e o bom. Que este esforço sempre ajude a crescer no respeito pela pessoa humana, enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral, a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança numa certa ordem, que não se realiza sem uma particular atenção à justiça distributiva (cf. *LS157*). Que se distribua a riqueza, dito em modo simples.

No trajecto para a catedral, desde o aeroporto, pude admirar os cumes do Hayna Potosí e do Illimani, daquele «*morro jovem*» e do outro que indica «*o lugar por onde sai o sol*». Vi também como muitas casas e bairros, de forma artesanal, se confundiam com as encostas, e fiquei maravilhado com algumas obras da sua arquitectura. O ambiente natural e o ambiente social, político e económico estão intimamente relacionados. Isto impõe-nos estabelecer as bases numa ecologia integral – é um problema de saúde – uma ecologia integral que incorpore claramente todas as dimensões humanas na solução das graves questões sócio-ambientais dos nossos dias; caso contrário, os glaciares desses mesmos montes continuarão a reduzir-se e a lógica da recepção, a consciência do mundo que queremos deixar aos que vierem depois de nós, a sua orientação geral,

o seu sentido, os seus valores derreter-se-ão também como aqueles gelos (cf. LS 159-160). E é preciso conscientizar-se disto. Ecologia integral - arrisco-me – supõe a ecologia da mãe terra, cuidar da mãe terra; a ecologia humana supõe cuidarmo-nos mutuamente; e ecologia social, forçando a palavra.

Dado que tudo está relacionado, precisamos uns dos outros. Se a política se deixa dominar pela especulação financeira, ou a economia se deixa reger apenas pelo paradigma tecnocrático e utilitarista da produção máxima, não poderão sequer compreender – e muito menos resolver – os grandes problemas que afectam a humanidade. Há necessidade também da cultura; dela faz parte não só o desenvolvimento da capacidade intelectual do ser humano nas ciências e da capacidade de gerar beleza nas artes, mas também as tradições populares locais - isso também é cultura - com a sua sensibilidade particular pelo meio onde surgiram e do qual saíram e do meio que lhes dá sentido. Requer-se igualmente uma educação ética e moral, que cultive atitudes de solidariedade e co-responsabilidade entre as pessoas. Devemos reconhecer o papel específico das religiões no desenvolvimento da cultura e os benefícios que possam trazer à sociedade. Nomeadamente os cristãos, como discípulos da Boa Nova, somos portadores duma mensagem de salvação que tem em si mesma a capacidade de enobrecer as pessoas, inspirar altos ideais capazes de incentivar linhas de acção que vão além dos interesses individuais, possibilitando a capacidade de renúncia a favor dos outros, a sobriedade e as outras virtudes que ajudam a dominar-nos e que nos unem. Estas virtudes que na vossa cultura se expressam de uma forma tão simples nestes três mandamentos: não mentir, não roubar e não ser preguiçoso.

Mas devemos estar atentos, pois tão facilmente habituamo-nos ao ambiente de desigualdade que nos rodeia, que ficamos insensíveis às manifestações do mesmo. E assim, sem nos dar conta, confundimos o «bem comum» com o «bem-estar», e com isso vai-se, pouco a pouco, escorregando, o ideal do bem comum vai se perdendo e termina no bem-estar, sobretudo quando somos nós que o desfrutamos e não os outros. O bem-estar, que faz referência apenas à abundância material, tende a ser egoísta, tende a defender interesses parciais, a não pensar nos outros e a deixar-se levar pela tentação do consumismo. Assim entendido, o bem-estar, em vez de ajudar, incuba possíveis conflitos e desintegração social; instalando-se como perspectiva dominante, gera o mal da corrupção que faz desanimar imensamente e causa tanto dano. Pelo contrário, o bem comum é algo mais do que a soma de interesses individuais; é passar do que «é melhor para mim» àquilo que «é melhor para todos», e inclui tudo o que dá coesão a um povo: metas comuns, valores compartilhados, ideais que ajudam a levantar os olhos para além dos horizontes particulares.

Os distintos actores sociais têm a responsabilidade de contribuir para a construção da unidade e o desenvolvimento da sociedade. A liberdade é sempre o campo melhor para que os pensadores, as associações de cidadãos, os meios de comunicação desempenhem a sua função, com paixão e criatividade, ao serviço do bem comum. Também os cristãos, chamados a ser fermento no povo, trazem a sua própria mensagem à sociedade. A luz do Evangelho de Cristo não é propriedade da Igreja; esta é sua serva: a Igreja deve servir o Evangelho de Cristo para que chegue até aos confins do mundo.

A fé é uma luz que não encandeia; as ideologias encandeiam, a fé não encandeia, a fé é uma luz que não perturba, mas ilumina e orienta no respeito pela consciência e a história de cada pessoa e de cada sociedade humana. Respeito. O cristianismo teve um papel importante na formação da identidade do povo boliviano. A liberdade religiosa – tal como é entendida habitualmente na ágora civil – lembra também que a fé não se pode reduzir à esfera puramente subjectiva. Não é uma subcultura. O nosso desafio há-de ser incentivar e favorecer a germinação da espiritualidade e do compromisso da fé, o compromisso cristão nas obras sociais, em superar o bem comum através das obras sociais.

Entre os vários actores sociais, gostaria de salientar a família, ameaçada em toda a parte, por tantos factores, pela violência doméstica, o alcoolismo, o machismo, a droga, a falta de trabalho, a insegurança social, o abandono dos idosos, os meninos de rua e recebendo pseudo-soluções a partir de perspectivas que não são saudáveis para a família mas, ao contrário, provêm claramente de colonizações ideológicas. Os problemas sociais, que a família resolve, e os resolve em silêncio, são tantos, que não promover a família é deixar desamparados os mais desprotegidos.

Uma nação, que procura o bem comum, não pode fechar-se em si mesma; as redes de relações abonam a sociedade. Assim no-lo demonstra o problema da emigração nos nossos dias. Hoje é indispensável o desenvolvimento da diplomacia com os países vizinhos, que evite os conflitos entre povos irmãos e contribua para um diálogo franco e aberto dos problemas. E estou a pensar agora sobre a questão do mar: o diálogo é indispensável. Construir pontes, em vez de erguer muros. Todos os temas, por mais espinhosos que sejam, têm soluções compartilháveis, têm soluções razoáveis, equitativas e duradouras. E, em todo o caso, nunca devem ser motivo de agressividade, rancor ou inimizade, que agravam mais a situação e tornam mais difícil a sua solução.

A Bolívia passa por um momento histórico: a política, o mundo da cultura, as religiões fazem parte deste estupendo desafio da unidade. Nesta terra, onde a exploração, a ganância e variados egoísmos e perspectivas sectárias ensombraram a sua história, hoje pode ser o tempo da integração. E é preciso caminhar por esta estrada. Hoje a Bolívia pode criar, é capaz de criar com a sua riqueza novas sínteses culturais. Como são estupendos os países que, superando a desconfiança doentia, integram os diferentes e que fazem desta integração um novo factor de desenvolvimento! Como são belas as nações quando estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro (cf. EG 210)! A Bolívia, na sua busca de integração e unidade, é chamada a ser uma «multiforme harmonia que atrai» (EG 117) e que atrai no caminho para a consolidação da pátria grande.

Muito obrigado pela vossa atenção! Peço ao Senhor que a Bolívia, «*esta terra inocente e bonita*», continue a progredir cada vez mais para ser aquela «pátria feliz, onde o homem vive o bem da felicidade e da paz». A Virgem Santa cuide de vós e o Senhor vos abençoe com abundância. E por favor, peço-vos que por favor não vos esqueçais de rezar por mim. Muito obrigado.

(Fonte: vatican.va)